



RESENHA

Couto, Elza K. N.; Albuquerque, Davi B.; Araújo, Gilberto P. (orgs.). *Da fonologia à ecolinguística: Ensaio em homenagem a Hildo Honório do Couto*. Brasília: Thesaurus, 2013.

Genis Frederico Schmaltz Neto¹ (UnB).

Ferdinand de Saussure nasceu em Genebra, em novembro de 1857. Hildo Honório do Couto veio ao mundo no Brasil em abril de 1941. Em meados de 1874, o primeiro passou a estudar sozinho sânscrito; já o segundo, em 1957, adquiriu por conta própria um exemplar de Jacques Maritain. Em 1886, os estudos do genebrense sobre indoeuropeu instaurariam um tempo sem igual na maneira de se encarar a língua. Em 1966, a entrega do brasileiro de Major Porto às Letras na USP, dirigindo-se em seguida para Berlim e Nova York, revolveria as visões de mundo holísticas. Saussure faleceu em 1913, mas formalizou as ciências linguísticas. Couto, vivo, esquadrinhou-as.

Foi partindo da ambição em descrever os percursos teóricos do brasileiro pela ótica daqueles que o seguiram que surgiu, em 2013, a obra *Da fonologia à ecolinguística*, dividida em três seções que se estendem por 494 páginas entre depoimentos, artigos e resenhas, justificando o subtítulo: uma *homenagem*. Organizado por três de seus orientandos do programa de pós-graduação da Universidade de Brasília mais efetivos, Gilberto de Araújo, Davi de Albuquerque e Elza do Couto, a primeira edição lançada pela editora Thesaurus hoje já se encontra esgotada.

A breve biografia de 11 páginas que abre os escritos procura dar destaque à simplicidade do envolvimento linguístico do homenageado com a Vida a partir de seu letramento. Sem dúvidas, o relato de suas frustrações com o socialismo somado à veia pulsante pela multiplicidade do conhecimento evidenciava que a Ecolinguística seria um caminho que não poderia ser outro. Aliás, o vocábulo “caminho” talvez seja o mais evidente em toda sua carreira: a semiótica, a fonologia, os estudos crioulos, todos – à sua maneira – convergem para a cumeeira do amadurecimento intelectual.

Por isso encontram-se, na primeira seção, três depoimentos calorosos a respeito da escolha e interferência de Couto em caminhos: seja em congressos e bancas de doutorado, segundo José Olímpio, na prática de Tai Chi, de acordo com o mestre Moo Shong Woo e Teresinha Montebello (ambos do Instituto Internacional de Being Tao) ou ainda na própria vida, segundo Antonio Batista Pereira, cuja linguagem aprazível e

¹ Doutorando em estudos linguísticos pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Letras e Linguística pela UFG. Membro do Núcleo de estudos em Ecolinguística e Imaginário. Bolsista do CNPq. Contato: ecofred@yahoo.com

reflexões sinceras entregues em um belo texto conseguiriam muito bem sintetizar todo o livro.

A seção seguinte, denominada “artigos”, forma a maior parte da obra. Divida em três subseções, “fonologia”, “línguas crioulas e contato de línguas” e “ecolinguística”, tem-se 16 excelentes textos que primam pelo desenrolar teórico-metodológico das perspectivas linguísticas estudadas por Couto. Nomes de expressividade imensurável como Jurgen Lang, Alwin Fill, Salikoko Mufwene, Klaus Zimmermann e Rui Ramos aparecem seguidos de contribuições de ex-orientandos e colegas de pesquisa.

Nesse sentido, a massiva reunião de análises de dados e reforçamentos bibliográficos constituída pela diversidade de autores transformam-se em um material pontual a respeito das possibilidades de se fazer linguística, estabelecer pontes e proceder com análises multicompreensivas, aos modos de Couto. Os artigos de Davi de Albuquerque sobre contatos linguísticos em Mambae e Jørgen Chr. Bang & Jørgen Døør sobre a dialética da experiência ecológica sinalizam como mais representativos de toda escolha, apesar da ausência de uma linearidade explícita na ordem em que os textos estão postos. O realce da obra, no entanto, fica por conta do instigante Adam Makkai e seu “Da gramática pragmo-ecológica à ecolinguística”, explicitando a visão de língua como uma rede, uma rede de interconexões, assim como os conceitos de endoecologia e exoecologia – todos explorados e/ou amplificados por Couto. Mais interessante é sua abordagem a respeito de uma “ecologia da mente” (p. 350), que absorve e/ou considera os últimos aspectos mencionados; mais uma vez, um dos aspectos recentemente indagados pelo holista.

Já a última seção do livro, intitulada “resenhas”, é composta de 6 textos cunhados por entusiastas e novos nomes que se aproximam da linguística praticada por Couto. Apesar da curiosa republicação de Marcos Bagno (cujo texto é original de 1987), quem se destaca é Eliane Marquez, que se propôs a atravessar as estruturas minuciosas do taoísmo e linguagem defendidos por Couto para demonstrar que também se deixou atravessar pelas propostas de compreensão de uma linguística da Vida (p. 469).

Torna-se evidente, ao fim das leituras, que os frutos do percurso de Couto vêm em tempo profícuo, uma vez que hoje os estudos linguísticos soam ora reféns de um modelo metodológico importado da História, ora asserções enfadonhas a respeito do que já se considerou. A Ecolinguística se estabeleceu no Brasil e hoje galga em direção a sua adolescência com boas perspectivas, graças a um Pai que direciona o caminho e, como bem anota a fonóloga Celeste Garcia, dá “sábias orientações para conquistar horizontes jamais imaginados” (p. 63).